

A infância acabou

RENATO TAPAJÓS

Ilustrador: MARCELO MARTINS

O texto ficcional desta obra é o mesmo das edições anteriores

A infância acabou

© Renato Tapajós · 1996

DIRETOR · Fernando Paixão

EDITORA · Gabriela Dias

EDITOR ASSISTENTE · Fabricio Waltrick

APOIO DE REDAÇÃO · Pólen Editorial e Kelly Mayumi Ishida

PREPARADOR · Carlos Alberto Inada

COORDENADORA DE REVISÃO · Ivany Picasso Batista

REVISORA · Olivia Frade Zambone

ARTE

PROJETO GRÁFICO · Tecnopop

EDITORA · Cintia Maria da Silva

EDITORACÃO ELETRÔNICA E CAPA · Exata

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS · RJ

T175i

6.ed.

Tapajós, Renato, 1943-

A infância acabou / Renato Tapajós ; ilustrações

Marcelo Martins. - 6.ed. - São Paulo : Ática, 2006

160p. ; il. - (Sinal Aberto)

Inclui apêndice e bibliografia

Contém suplemento de leitura

ISBN 978-85-08-10696-7

I. Problemas sociais - Literatura infantojuvenil.

I. Martins, Marcelo, 1959-. II. Título. III. Série.

06-3322.

CDD 028.5

CDU 087.5

ISBN 978 85 08 10696-7 (aluno)

CL: 735410

CAE: 210501

2017

6ª edição, 9ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221

Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902

Atendimento ao cliente: (0xx11) 4003-3061

www.aticascipione.com.br

atendimento@aticascipione.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Luz no fim do túnel

Marcos está numa **situação muito difícil**: seus pais se separaram, ele foi morar com o pai num modesto apartamento, seu último par de tênis foi roubado e o dinheiro não dá nem para pagar a mensalidade do colégio.

Acostumado a ter **tudo** o que queria, Marcos viu seu mundo virar de cabeça para baixo depois que o pai **perdeu o emprego**. E a dificuldade para arrumar um trabalho depois dos 50 anos abate em cheio seu pai, que tinha sido vice-presidente de uma empresa renomada.

Mas o que parecia ser uma grande tragédia acaba se transformando em uma **rica experiência de vida**. Agora, o jovem tem de correr atrás das oportunidades para ganhar seu próprio dinheiro. Com isso, revê antigos valores e testemunha a **luta** pela sobrevivência de pessoas bem diferentes daquelas que conhecia. Tudo isso em meio a muito rock, rap, computadores de última geração, novos amigos e a emoção do primeiro amor.

Nesta história, você vai acompanhar as inúmeras paisagens percorridas por um adolescente que resolve conquistar e assumir o seu **lugar no mundo** — e conhecer também um pouco mais sobre o autor lendo a entrevista exclusiva que está no fim do livro.

Não perca!

- O choque de valores entre pessoas de realidades sociais diferentes.
- A luta de um jovem pela sobrevivência.



1

Aconteceu quando ele estava a menos de dois minutos de casa. Tinha descido do ônibus escolar no Ibirapuera, perto da Assembleia Legislativa, e vinha subindo a Manuel da Nóbrega. Atravessou a rua em frente à bilheteria do Ginásio e estava chegando na calçada da Pizza Hut quando viu os caras. Em sua direção vinha um moleque franzino, baixo, sem camisa, com



umas calças esfarrapadas. Tentou se desviar, mas o garoto mudou o rumo e se manteve na sua frente. Quase simultaneamente, percebeu que vinha alguém por trás.

— Ô, meu! Vai dando o relógio e o tênis.

Havia um tom de urgência na voz do garoto. Marcos hesitou: aos quinze anos tinha um corpo bem desenvolvido, de quem joga basquete, embora não tivesse altura suficiente para pensar em ser profissional. O moleque, além de pequeno e fraco, não tinha nenhuma arma visível. Pensou em dar-lhe um tranco e correr, quando uma voz menos infantil soou em seus ouvidos.

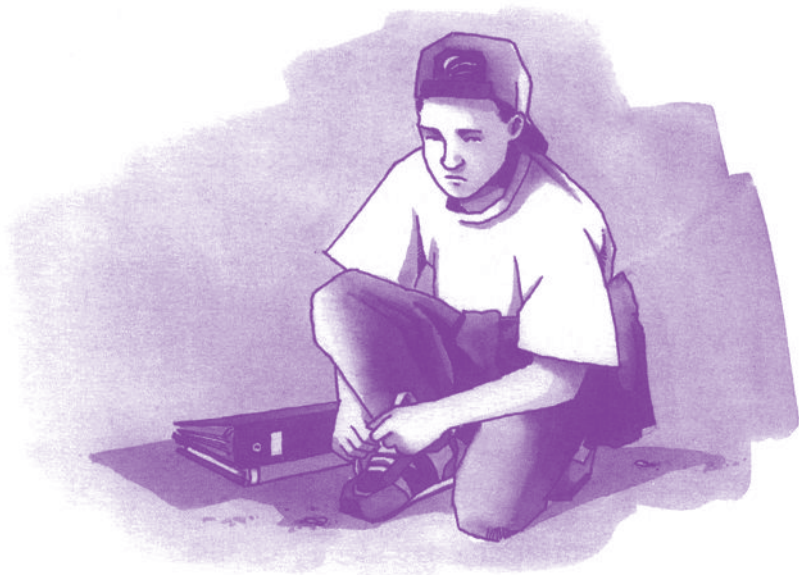
— Tá surdo, cara? Não vê que o moleque tá pedindo?

Olhou por sobre o ombro. Um deles era mulato, com os músculos estufando a camiseta barata; o outro, um branquelo magro, de cabelo escorrido, com a cara cheia de espinhas. Eram, portanto, três. O mulato era bem forte e tinha cara de quem sabe brigar. Além disso, Marcos viu, ou pensou ver, um volume suspeito por baixo da camisa do outro, na altura da cintura.

— Pode levar, cara. Na boa — disse Marcos.

Tirou o relógio, entregou para o garoto. Abaixou-se, pôs o fichário no chão e desamarrou o tênis. Ficou novamente em pé, terminando de tirá-lo com os pés. Percebeu que estava gelado, como se estivesse longe dali, vendo a cena como espectador. Parecia que os movimentos, dele e dos assaltantes, rolavam em câmara lenta. O moleque pegou os tênis e, com o relógio na outra mão, disparou na carreira. Marcos voltou-se e os outros dois já estavam longe; não corriam, mas andavam num passo rápido. Na esquina, entraram na transversal. O moleque já tinha sumido.

Marcos se abaixou para pegar o fichário e olhou para os pés. As meias, além de sujas, estavam, ambas, furadas no dedão. Ao se levantar, era como se subisse junto uma onda de calor, de raiva e de vergonha, pelo peito, pelo pescoço, tomando o rosto. O coração, agora



que tudo tinha passado, disparou. Olhou em torno. As pessoas continuavam com suas atividades, como se nada tivesse acontecido. Ninguém tinha visto nada. “Vai ver não aconteceu mesmo”, pensou Marcos. “Quem sabe eu já saí de casa sem tênis, só de meia. Furada.” Ficou por um momento de olhos fechados, para que a respiração voltasse ao normal. Começou a andar novamente, agora com certo cuidado, porque só de meias podia se ferir no calçamento malconservado.

Subia agora a Brigadeiro Luís Antônio, o rosto fechado, fazendo algum esforço para não chorar. Fragmentos de imagens, ideias pouco articuladas. Pensava que podia ter dado um tranco no moleque e corrido, que podia ter enfrentado os dois maiores — vai ver eles nem estavam armados, aquele volume não era nada. Pensava que o tênis era novo e que o relógio tinha sido dado por sua mãe, antes de seus pais se separarem. Pensava, sem formular isso claramente, que tinha se comportado como um covarde.

Levantou os olhos e viu o prédio onde agora morava com o pai. Um predinho de três andares, sem elevador, com uma fachada que talvez tivesse sido amarela, hoje suja e encardida pela fumaça dos ônibus, sacadas de linhas arredondadas, janelas de madeira meio descascada. Apressou o passo, empurrou a porta de metal do vestíbulo e entrou. O ambiente era mais frio que a rua, úmido, com um ligeiro cheiro de mofo. As paredes, de madeira, deveriam ter sido elegantes algum dia. Mas esse dia fora há muito tempo. Hoje elas eram apenas uma sequência de manchas de umidade, infiltrações antigas e novas. Não havia porteiro; apenas uma caixa, na parede, com uma fenda dando para a rua, onde era depositada a correspondência para os apartamentos. Não olhou para os lados. Com os olhos postos na passadeira de linóleo, desgastada e de cor imprecisa, buscou a escada, no fundo do aposento.

2

O pai estava sentado à mesa da sala, jornal aberto, hidrográfica na mão. Levantou os olhos com o barulho da chave na porta. A luz dura do sol deixava metade de seu rosto amarelo e se refletia no jornal, criando uma luminosidade difusa na outra metade. A sala, semivazia com suas paredes descascadas e móveis velhos, estava mergulhada naquela contraluz dourada que fazia brilhar as partículas de poeira vindas da rua. Marcos parou na frente dele, o rosto pesado.

— Que aconteceu? — perguntou o pai. — Que cara é essa?

— Fui assaltado — disse Marcos. — Levaram o tênis e o relógio.

— Como é que foi acontecer uma coisa assim? — o rosto do pai revelava irritação.

— Uns moleques me cercaram. Achei que um deles tava armado. Não deu pra fazer nada. E não vem achando que a culpa é minha.

O pai, que havia começado a se levantar, sentou de novo. Passou a mão no rosto, se acalmando.

— Não, Marcos, eu não estou achando que a culpa é tua. Não é isso. Eu ando muito tenso e, você sabe, a gente está sem dinheiro pra comprar outro tênis e relógio. Por enquanto não vai dar.

— Por isso também que eu fiquei bravo. — Marcos se aproximou da mesa. — Além de me sentir um frouxo, como é que eu vou na festa do Carlinhos hoje?

— Vamos pensar num jeito — disse o pai. — A gente resolve.

Marcos tinha posto o fichário sobre a mesa. O pai segurou-lhe levemente o braço, quase como uma carícia. Falou noutro tom, já sem irritação.

— E não fica esquentando por não ter reagido. Não dá para correr um risco desses: não é covardia, é bom-senso.

— É, eu sei — disse Marcos, afastando-se da mesa. — Eu vou lá pra dentro.

Foi para o seu quarto. Antes de abrir a porta, olhou novamente para o pai, mergulhado outra vez nos classificados do jornal. Fazia meses, quase um ano, que aquela rotina se repetia. A não ser nos poucos dias em que conseguia algum trabalho como free lancer, ele lia as ofertas à procura de um emprego, mandava currículos, submetia-se a entrevistas. Aos 47 anos, estava difícil conseguir trabalho. O rosto, envolto pela luz, revelava cansaço. Marcos entrou no quarto, bateu a porta. Um flash de seu antigo quarto lhe passou pelos olhos: os móveis novos, bonitos, a luz

quebrada pelas persianas criando um ambiente gostoso, o parque visto pela janela. Como uma imagem sobreposta, seu quarto real, o de agora: pintura velha, descascando em alguns pontos, aqueles móveis tão antigos e pesados, escuros. Se olhasse pela janela, só veria telhados enegrecidos pelo pó e pátios de cimento. A cortina barata, a sensação de estranhamento, de não fazer parte daquilo. Jogou-se sobre a cama. Pensou vagamente na festa da noite, como algo meio fora do seu alcance. Cada vez mais coisas entravam nessa categoria. Uma rápida imagem de Priscila — o perfil limpo, o cabelo louro, o sorriso — passou por seus olhos. Quase imediatamente o rosto do garoto que o havia assaltado voltou, nítido. Abriu os olhos. “Preciso fazer alguma coisa”, pensou. Quase ao mesmo tempo, ouviu o telefone tocar. Sentou na cama e ficou esperando.

— Marcos! — gritou o pai. — É pra você.

Correu para a sala, pegou o telefone. Sorriu ao ouvir a voz de Pedro. Pedro era novo na escola, tinha se transferido havia menos de um mês, mas era um cara legal. E morava a menos de duas quadras dali.

— E aí? — disse Pedro. — Tudo bem?

— Nada, meu — resmungou Marcos. — Me assaltaram aqui perto. Levaram o relógio e o tênis. Acho que nem vai dar pra ir na festa, hoje.

— Não esquentá, cara. — Pedro parecia animado. — Te empresto um tênis, sem problema. Mas é o seguinte: você pode vir até aqui? Sabe aquele negócio que eu tava fazendo no micro? Tá pronto e eu queria que você visse.

— Legal — disse Marcos. — Tô indo.

Desligou o telefone, voltou ao quarto e calçou um tênis velho, com um enorme rasgão do lado, consertado com *silver tape*, a sola gasta até o limite.

— Vou na casa do Pedro, pai.

— Tá bom. — O pai não levantou os olhos do jornal. — Não volta tarde.



3

O quarto de Pedro não era muito grande. Móveis bem planejados, funcionais, davam um ar de aconchego. A janela revelava a paisagem civilizada dos Jardins e o computador se encaixava numa mesa apropriada.

— Olha — disse Pedro acionando o mouse. — Isso é a ideia da primeira página.

— O fanzine — constatou Marcos, sentando-se na beira da cama.

Pelo menos por um momento os problemas que o incomodavam se tornaram distantes. A realidade passou a ser aquele pequeno pedaço de vídeo luminoso na sua frente, onde as imagens tomavam forma. No retângulo que ocupava o centro da tela surgiu uma página diagra-

mada com fotos, algum texto, um desenho grande e o título, rasgando a parte superior da página: "Trash!".

— Legal — disse Marcos. — De quem é o desenho?

— Eu escaneei de uma revista — esclareceu Pedro. — Mas, eu já tinha te falado isso, a ideia era você fazer os desenhos. Esse tá aí só para ocupar lugar, saca, para eu poder diagramar.

— Ah, bom... — Marcos pensou um pouco. — Afinal, qual é o barato desse fanzine? Você só me falou que ia tentar fazer... e mais nada.

— É mesmo, cara. — Pedro deu o comando de impressão e se voltou para Marcos. — Aquele dia eu tava correndo pra aula de música, nem deu tempo... É o seguinte: conheço uns caras que tocam numas bandas, quase tudo gente que tá começando, que ensaiam num estúdio aqui perto, alguns têm umas aulas lá onde eu também vou... Eles conhecem uma porrada de gente do meio, bandas que tão fazendo clipes demo, tentando tocar nos lugares, gravar, chegar na MTV... e uma hora falaram que era legal um fanzine que pudesse dar notícia deles, juntar os caras... Eu falei que podia tentar...



A página estava saindo da impressora que ocupava uma prateleira grande na estante. Marcos a pegou pela ponta, olhando com atenção.

— Muito legal, cara... — Marcos tinha dúvidas. — Mas... quem banca isso tudo?

— Ninguém, né, meu... — Pedro parecia ter tudo muito claro. — Cada um faz o que pode, entra com o que consegue... A gente depois faz as cópias em xerox, tem o baixista numa banda aí que trabalha numa copiadora, parece que dá pra... saca?

Marcos pensou um pouco. Na verdade não tinha muito o que decidir. A coisa toda era bem legal.

— Eu topo, claro. Você sabe que eu toco... tocava bateria e...

— Não sabia, cara, que barato! — Pedro se entusiasmava. — Pensei que você era bom só no desenho... O que que você tocava? Por que parou?

— Tocava rock, claro. — Marcos hesitou. — E eu parei... ah, parei porque meu pai não tinha mais grana, parei com as aulas e, quando a gente mudou, vendi a bateria.

Pedro percebeu que o assunto era delicado.

— Olha, cara, com esse movimento do fanzine, você pode até se juntar aí com uns caras... Tem sempre banda procurando baterista, é legal...

— Eu ainda tava aprendendo — Marcos queria se animar. — Esse pessoal toca o quê?

— Tem de tudo — respondeu Pedro. — A maior parte é bem heavy, tem muito, muito trash... por isso o nome do fanzine. Mas tem grupo de rap e até uns moleques que fazem reggae...

Marcos olhava de novo a página impressa. Pegou um lápis e uma folha de papel que estavam em cima da mesa e começou a fazer a caricatura de um garoto, com uns tênis enormes, tocando guitarra. Pedro olhava, interessado.

— Pô, meu, você desenha muito bem — entusiasmava-se Pedro. — Vai dar o maior pé.

— Por falar em pé, você vai me emprestar aquele tênis? — perguntou Marcos.

— Claro! — Pedro já remexia no armário. — Que droga ser assaltado, cara, que azar!

— Quando a gente está na pior, só atrai mais... — Marcos olhava seus próprios tênis, de boa marca, mas completamente detonados.

Pedro olhava para ele, com uns tênis quase novos na mão.

— Por que você diz que está na pior?

— Porque é verdade — disse Marcos. — Olha, faz quase dois anos que meu pai foi mandado embora de um emprego onde ele trabalhava fazia mais de vinte anos. De lá pra cá ele não arrumou mais emprego, minha mãe se separou dele, o dinheiro acabou... foi mal.

— Mas a nossa escola é paga — admirou-se Pedro. — Como é que...

— Ah, isso. É o meu irmão mais velho, ele mora com minha mãe, sabe. Ele está na faculdade e trabalha. Ele falou que pagava um ano de escola pra mim, até meu pai se virar. O ano está acabando e eu estou achando que vou ter de ir para a escola pública no próximo...

Pedro estendeu os tênis para ele.

— Fica o tempo que precisar, eu tenho vários outros.

— Legal. Obrigado — murmurou Marcos pegando os tênis. — Vou fazer uns desenhos. Amanhã te mostro. Mas a gente se vê na festa, não é?

— Claro — disse Pedro, indo para a porta. — Se você quiser, vamos juntos.

— Legal. — Enquanto saía, Marcos bateu de leve, com a mão fechada, no ombro do outro.

— Valeu. Lá pelas oito, aí embaixo.

— Valeu — Pedro respondeu ao cumprimento.

A sala da casa de Carlinhos tinha uma porta lateral de vidro, dessas de correr, grande e larga, que dava para um espaço ajardinado em frente à entrada da garagem. A festa se espalhava pela sala, pelo jardim e até pelas outras dependências da casa. Mas a maior parte das pessoas estava ali, entre a sala e o jardim. Marcos tomava refrigerante num copo de papel, encostado em uma coluna de onde via o jardim e parte da sala. Já estava quase todo mundo lá. Pedro se aproximou.

— Pô, cara, animada a festa — comentou Pedro. — Não conheço quase ninguém.

— Claro, a maior parte é ou foi da escola — explicou Marcos. — Você está há pouco tempo lá... Tem também os amigos dele aqui do bairro, o pessoal do full contact...

— Tá, eu sei que é aniversário dele — disse Pedro. — Mas eu não estou vendo nem pai, nem mãe, nem parente que sempre tem em aniversário.

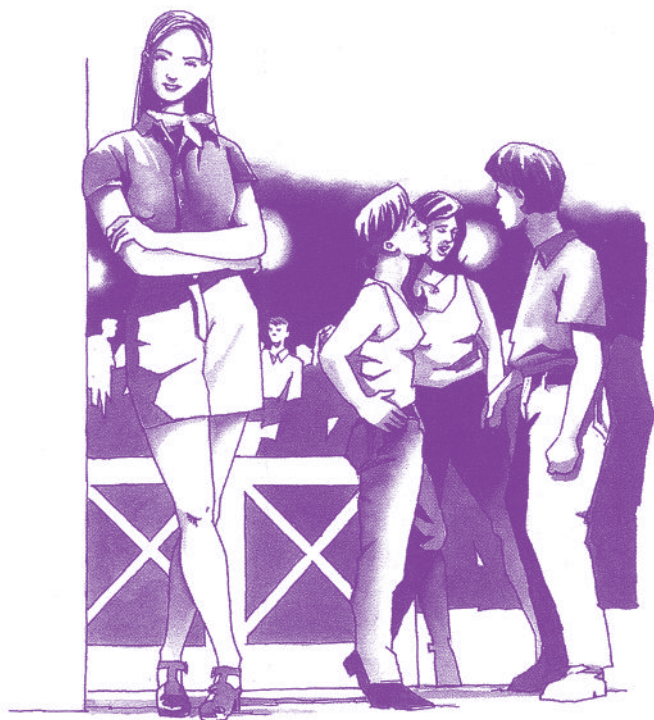
— O Carlinhos sempre combina deles se mandarem. Vão viajar, sei lá.

— Olha — disse Pedro — a Adriana. Vou lá falar com ela.

Marcos ficou vendo o outro se afastar, chegar perto da Adriana, dar dois beijinhos, entrar de mãos dadas para a sala. Sentia-se deprimido, meio fora do espírito da festa. Na sala, um grupo já dançava. No jardim, os grupinhos se formavam para conversar, animados, risadas estalando no ar. Viu Priscila junto com duas outras meninas, conversando entre risinhos, o cabelo louro quase branco com a luz do jardim. Aproximou-se.

— Oi — cumprimentou Marcos. — Legal a festa, não?

— Vai ficar melhor ainda — respondeu Priscila, aproximando o rosto para os beijinhos de cumprimento. — A banda do Coisa vem tocar!



— Muito legal — comentou Marcos, depois de dar os beijinhos. — Eles estão tocando muito bem.

Priscila pegou o braço de Marcos e se afastou com ele das outras meninas. Ele sentiu o coração acelerar as batidas, numa expectativa intensa. Mesmo com o refrigerante, sua boca estava repentinamente seca. Pensou, por um momento, que sua sorte podia estar virando.

— Sabe aquele trabalho de história? — perguntou Priscila.

— Claro que sei — disse Marcos. — Todo mundo anda meio assustado com a professora.

— Assustado? — disse Priscila abrindo bem os olhos verdes. — Eu estou em pânico.

Marcos estava quase hipnotizado pelo brilho dos olhos da garota. Achava tudo que ela dizia interessante, importante.